

## RESENHA

PESSOA, Jadir de Moraes (Org.). *Saberes do nós: ensaios de educação e movimentos sociais*. Goiânia: Editora da UCG, 2004, 176 pp.\*

*Silvio José Pinheiro\*\**

Podemos identificar um movimento social por diversos fatores, mas existe um que é de extrema importância: é quando um conjunto de pessoas mobiliza-se por uma ou mais ações e estabelece a sua centralidade na educação popular. As ações nos movimentos sociais geram conquistas relevantes, gerando também conhecimentos, ou seja, ações educativas. As lutas dentro dos movimentos constituem-se de sujeitos coletivos que aprendem e ensinam através das interações estabelecidas entre eles.

Essa é a idéia básica do livro *Saberes do nós: ensaios de educação e movimentos sociais*, que analisa diversas questões no âmbito dos movimentos sociais, através de cinco textos, todos derivados de pesquisas que foram realizadas na área de Educação, Trabalho e Movimentos Sociais, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás.

Na apresentação, o organizador, Jadir de Moraes, explicita que os textos têm como horizonte a reflexão sobre os movimentos sociais como um conjunto de práticas educativas, pois a constituição de sujeitos e protagonistas da história é o horizonte maior de toda luta política que, portanto, tem que ser sempre luta de sujeitos coletivos, aprendizes e ensinantes.

No primeiro texto, “Educação para além da escola”, Ângela Cristina Belém Mascarenhas apresenta o movimento social como um palco para a educação, uma vez que a educação não se dá apenas em agências

---

\* Resenha recebida em 26/08/2004 e aprovada em 17/09/2004.

\*\* Acadêmico do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás. [e-mail: silvioufg@hotmail.com].

convencionais. Uma concepção rica e ampliada de educação estabelece a relação entre ela e a cultura. Defende a autora que é através da cultura que os homens orientam suas ações e dão significados a elas. Mas a cultura pode se apresentar de forma alienada. Isso se dá quando ela passa a ser produto do trabalho feito pelos homens, envolvendo relações desiguais, relações de dominação. Segundo Mascarenhas, a educação como cultura, como aprendizado, é parte do processo cultural e também pode ser alienada e inautêntica, se conduzida de forma que as relações estabelecidas nesse âmbito sejam desiguais.

Para a autora um processo educacional rico e diversificado dá-se quando grupos sociais consolidam-se por meio de uma ação conjunta, criando suas representações e inserindo-se ativamente na realidade social. No caso dos movimentos sociais, a luta e a construção de uma identidade coletiva caracterizam-nos como movimentos que se constituem como educativos. Mascarenhas afirma que os movimentos sociais são muitas vezes fonte de um tipo de aprendizado que nenhuma instituição estabelecida é capaz de oferecer. A existência de atores coletivos, a prática de ações coletivas, a luta por interesses comuns, a problematização e politização de situações vividas e a possibilidade de renovação e reavivamento do cenário sociopolítico e cultural são algumas das características dos movimentos sociais. Através do que foi apresentado, a autora estabelece estreitos e significativos laços entre movimento social e educação popular.

No texto da autoria de Jadir de Moraes Pessoa, “Movimentos sociais e novos movimentos sociais”, a temática das relações sociais aparece no próprio objeto da sociologia. O autor mostra como as relações sociais estão em constante transformação, o que explica a crise do conceito de luta de classes, que se torna insuficiente para explicar os novos movimentos sociais pós a década de 1970.

Pessoa apresenta o conceito de *campo* e sua dinâmica, de acordo com a acepção de Bourdieu, fazendo a relação entre movimento social e educação. O campo é formado por diversos agentes, individuais e coletivos, e este deve ser o centro da pesquisa. No caso estudado, os novos movimentos sociais são um campo, um espaço dinâmico, de relações de forças, segundo os vários interesses dos agentes envolvidos. O campo é ainda uma configuração de forças atuais e potenciais, constituindo-se como um lugar de mudança permanente. Os agentes de um mesmo campo

podem estar tanto em luta pela conservação como pela transformação dessas mesmas forças.

Pessoa aborda a educação no campo da luta pela reforma agrária. A educação vem a ser um *subcampo* dentro desse campo. Os agentes (o Estado, a Igreja, os partidos, os Sem-Terra etc.) estarão lutando para garantir a maior aceitação da sua representação em vista do interesse maior de todo o campo.

Ao citar Brandão e Beisegel, lembra que a educação popular – ou seja, os movimentos sociais desenvolvem um conjunto de atividades e, ao mesmo tempo, diversas modalidades de conhecimento, que são transmitidas –, instaurada na passagem dos anos 1950 para os anos 1960, tinha como princípio básico uma ação pedagógica conscientizadora e como lugar de atuação as camadas populares. Dentro do movimento, convencionou-se que educação popular, a partir de 1964, era somente o tipo de educação que o Estado não atuava, o que constitui um equívoco, segundo Celso Beisegel, ou a substituição da realidade pela sua idealização.

Em “A vida reinventada”, Carlos Rodrigues Brandão faz uma reflexão sobre os movimentos sociais e a feição que eles tendem a tomar quando se apresentam como movimentos ecológicos, movimentos ambientais, movimentos em defesa da natureza e outros nomes. Com base nesse ponto de vista, o autor mostra como o campo dos movimentos sociais estendeu-se a todos os aspectos da vida social e cultural. As pessoas tornam-se sujeitos sociais, com a mesma identidade ou com outra. As relações estabelecidas dentro dos movimentos sociais apresentam-se como um nós em busca de sentidos partilhados de vida e de destino. As escolhas vão além da causa a ser defendida.

Os novos movimentos sociais apresentam várias faces em suas diversas formas, contudo a visão pessoal e partilhada de mundo leva à adesão de um movimento. Os movimentos ambientalistas estão entre os novos movimentos sociais, mas também dentro de uma pluralidade de vocações pessoais de instituições vocacionadas à natureza. Eles poderiam enquadrar-se em um tipo de movimento, cuja fonte de ação é a reconstrução de uma identidade social, cultural ou política. O ambiental, no caso, passa a envolver o todo da esfera sociocultural da vida.

No Brasil, a Educação Ambiental não faz parte da imensa maioria das grades curriculares dos cursos de Pedagogia das faculdades de educação, sendo que, nas práticas dos movimentos sociais ambientalistas,

a atividade essencial é pedagógica, voltada de maneira direta para a formação técnica ou, às vezes, para a educação ambiental de pessoas.

Ari Lazzarotti Filho, no texto “O processo educativo da luta pela terra no estado de Santa Catarina”, faz uma análise do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), tendo como base de sua reflexão o pensamento de Gramsci, utilizando as categorias *intelectual coletivo*, *intelectual orgânico*, *local/nacional/internacional* e discutindo a forma de existência e manutenção da vida camponesa. O autor procura identificar a que áreas estão ligados os chamados intelectuais coletivos e orgânicos. O intelectual coletivo está ligado ao partido político e o intelectual orgânico aos movimentos.

Segundo Lazzarotti, o MST constitui uma negação dos avanços tecnológicos sem os avanços humanos, não lutando pela propriedade privada e, sim, pela propriedade social. O MST forma seus intelectuais e contrapõe-se à hegemonia vigente, despertando e organizando a vontade coletiva de um povo disperso e pulverizado.

O autor entende que o MST de Santa Catarina é a unidade estadual que mais libera militantes para atuarem em outros estados, forma intelectuais orgânicos e lideranças, que participam da luta pela terra não referente apenas às necessidades materiais, mas à afirmação de sua própria vida, do seu próprio valor, de sua dignidade e da capacidade de se auto-organizarem e de se tornarem seres humanos. A terra vem a ser a identidade do camponês, ou melhor, a sua própria vida.

O educativo da luta pela terra através da organização dos trabalhadores implica a formação de uma autonomia e de um projeto social, contrapondo-se ao sistema capitalista. O importante é a formação de um novo homem, que desenvolva suas potencialidades.

No último ensaio da coletânea, “ONGs, terceiro setor e Estado”, José Adelson da Cruz mostra que a partir da década de 1980 desfaz-se a polarização dos movimentos sociais das décadas anteriores. Os movimentos já não brigam mais com as fábricas nem com o governo. Surge aí, nesse cenário, o chamado terceiro setor.

Segundo Cruz, ao longo da década de 1990, as ONGs passam a ter grande visibilidade no cenário brasileiro e recentemente vêm multiplicando-se e diversificando-se, sendo que suas atuações como organizações sociais estabelecem interlocuções com o Estado, com os movimentos sociais e com a sociedade civil, como um todo.

O autor não considera as ONGs um movimento social, pois estas acessam recursos públicos, o que mostra que nem tudo que se faz de forma coletiva deve ser chamado de movimento social. A política do terceiro setor é uma política que visa lucros, e que coloca a sociedade civil dentro de uma relação perversa: Estado e ONGs.

No seu conjunto, a coletânea mostra que pessoas e grupos compartilham um contexto educacional de acordo com as experiências vividas coletivamente e como luta por interesses comuns; além disso, que as ações educativas geradas pelos movimentos sociais são merecedoras de atenção, pois essas ações têm um papel importante, ainda que não sejam consideradas entre as práticas escolares.

A educação que a coletânea focaliza é construída no processo das relações sociais da vida cotidiana dos atores nos diversos formatos de organização e participação social, no sentido de que os atores sociais envolvidos passam a (re)construir, em conjunto, os espaços e as políticas sociais dos quais fazem parte.

Vem a público, portanto, mais uma importante obra versando sobre os movimentos sociais, destacando a sua relação com a educação. É uma obra que se reporta ao melhor da teoria existente sobre o assunto, em especial às contribuições de autores como Marx, Gramsci, Alain Touraine, Maria da Glória Gohn e Ilse Scherer-Warren. No que se refere à abordagem de movimentos sociais específicos, *Saberes do nós...* vem somar-se a uma já importante safra de publicações de autores, como Eurípedes Dias, Reinaldo Fleuri, Sílvio dos Santos, Bernardo Mançano e tantos outros.

Vale a pena ler essa coletânea, que atrai o interesse de pesquisadores do campo das ciências sociais (sociologia, política, antropologia, história), que lidam diretamente com a questão dos movimentos sociais; de pesquisadores da área da educação interessados em desvendar a relação entre educação e movimento social; de estudantes e professores de 3º grau, em diversas áreas das ciências humanas, igualmente despertados para a importância de se compreender os movimentos sociais como campo de produção de saberes; e, por fim, de dirigentes e militantes sindicais ou de outras organizações populares.

